



divindade do seu Filho. A “plenitude” dos bens espirituais está no Verbo Mediador, e nele só, como grandeza pessoal e também como tesouro em suas mãos para ser distribuído aos fiéis. No desempenho de sua função mediadora, o Verbo realiza a mediação de duas maneiras: através do movimento de cima para baixo, que procede do amor de Deus para conosco, passando pelo coração humano de Jesus, e através do movimento de baixo para cima, que parte do coração humano de Jesus, o Filho, em direção ao Pai.

S. João é, pois, o apóstolo da *vida em união com Deus*, no contexto da comunidade cristã. Embora os traços marcantes da espiritualidade sejam diferentes da dos Sinóticos e S. Paulo, há uma convergência fundamental na ação conjunta de Cristo Ressuscitado e na ação do Espírito Santo que são os agentes decisivos da vivência da vida sobrenatural nas comunidades de fé. Assim como nos Sinóticos e em S. Paulo, as abordagens refletem o desdobramento da vivência comunitária, da mesma forma encontra-se em S. João a motivação da vitalidade espiritual do cristão na união com Deus.

Conclusão

Na espiritualidade bíblica, convergem em linhas concêntricas os dois princípios da *Eleição* divina e *Aliança* sagrada, no AT e NT. São esses os aspectos principais da autocomunicação de Deus elucidando quem Ele é o que Ele faz, e manifestando também os seus desígnios. A espiritualidade bíblica empresta um sentido altamente religioso à vivência da fé comunitária que não se restringe a um padrão unificado, mas abre um leque de experiências do Espírito que guiam e interpretam a existência humana no plano dos acontecimentos e das vicissitudes em que o cristão e a comunidade se vêem envolvidos. O traço marcante dessa experiência é a moção do Espírito que inspira a criatura humana a tender à perfeição.

Endereço do Autor:

ITESC

Caixa Postal 5041

88040-970 – Florianópolis – SC

ENCONTROS Teológicos

Resumo: Muitas vezes manifesta-se a concepção, em nossas práticas e organizações eclesiais, de que as Pastorais Sociais são menos espirituais que outras atividades eclesiais. Está ainda presente o dualismo entre fé e vida, corpo e alma, oração e ação, comunhão e missão... e precisa muito trabalho para isto ser superado. Este artigo se propõe discutir alguns elementos concernentes à espiritualidade das Pastorais Sociais, tendo por base a convicção de que a atividade neste âmbito não é desprovida de espiritualidade e que toda ação eclesial tem que possuir um compromisso social. Para tanto, este artigo divide-se em três partes: em primeiro lugar aborda uma delimitação do tema ou seja, o que se entende por Pastoral Social e por Espiritualidade. Depois, procura-se descrever três fontes dessa Espiritualidade a partir da fé cristã no Deus Trindade, e, por último, aponta algumas possibilidades para alimentar a espiritualidade das Pastorais Sociais.

Abstract: It is often said, in our Church organizations, that the Social Pastorals are less spiritual than the other Church activities. It is still widespread the dualism between faith and life, body and soul, prayer and action, communion and mission... and one needs a big effort to overcome this. This paper proposes to discuss some elements concerning the spirituality of the Social Pastorals, upon the conviction that the activity in this field is not devoid of spirituality and that every Church activity should have a social compromise. In this way, this paper is developed in three parts: first, it tries to delimitate the theme, describing what is Social Pastoral and what is Spirituality; second, it describes the three springs of this Spirituality starting with the Christian faith in the Divine Trinity; and third, it shows some possibilities in the aim of feeding the Spirituality of the Social Pastorals.

Mística e espiritualidade das Pastorais Sociais

*Elisete Gesser Della Giustina Dacoregio*¹

Marcio Martins Rosa

Roque Ademir Favarin

¹ Elisete G. D. G. Dacoregio e Pe. Roque A. Favarin fazem parte da *Coordenação Colegiada da Cáritas Brasileira Regional Santa Catarina*; Marcio M. Rosa é Estudante de Teologia do ITESC, 1º Ano. Diocese de Caçador, SC.



Introdução²

Circula muitas vezes a idéia, no interior de nossas práticas e organizações eclesiais, de que as pastorais sociais são menos espirituais que outras atividades eclesiais. Percebe-se ainda que o dualismo entre fé e vida, corpo e alma, oração e ação, comunhão e missão... está longe de ser superado. Um passo importantíssimo para a superação desse dualismo foi dado pela Igreja nas décadas de 1960 e 1970, a partir dos documentos do Concílio Vaticano II e dos Documentos das Conferências Episcopais de Medellín e de Puebla, na América Latina. Nessa época também surgiram as Comunidades Eclesiais de Base e as Pastorais Sociais, com o incentivo desses documentos. Todavia, a mencionada superação ainda está mais nos documentos que nas nossas práticas.

Na década de 1990, aconteceram novas mudanças eclesiais e sociais. Os índices estatísticos apontavam para um crescimento de pessoas que migravam para as comunidades evangélicas no Brasil. Uma das leituras das causas desse fato foi a de que os católicos se “meteram muito na política” ou no campo social, deixando a espiritualidade de lado. Como resposta a isso parece haver, no âmbito católico, um retorno ou fortalecimento de uma ação menos voltada para questões sociais e externas da Igreja. Entretanto, também outros fatos colaboraram com esse “encolhimento” da Igreja nas questões sociais. Um desses fatos é que, com o fim da ditadura militar, mudaram-se as prioridades eclesiais, pois muitos militantes sociais “saíram” do espaço eclesial. Como outros fatores poderíamos citar: a forte influência das mudanças provocadas por políticas neoliberais e pela onda de globalização, pelos avanços tecnológicos, e a queda do socialismo real. Esse conjunto de fatores atingiu as Pastorais e os Movimentos Sociais e seus agentes.

Sendo assim, este ensaio se propõe versar sobre alguns elementos concernentes à espiritualidade das Pastorais Sociais, tendo por base a convicção de que a atividade nesse âmbito não é desprovida de espiritualidade e que toda ação eclesial tem que possuir um compromisso social. Todavia, não queremos descrever completamente como deve ser a espiritualidade das Pastorais Sociais, nem apresentá-la como modelo exclusivista. O objetivo do artigo é apenas elencar alguns eixos temáticos

2 Boa parte das reflexões deste artigo foram inspiradas no último Seminário Regional das Pastorais Sociais, dias 22-23 de março de 2007, em Lages – SC, com assessoria de Alessandro Gallazzi.



dessa espiritualidade tentando demonstrar o profundo caráter espiritual das Pastorais Sociais.

Para tanto, em primeiro lugar, faremos uma delimitação do tema, isto é, o que se entende por Pastoral Social e por Espiritualidade. Depois, procuraremos descrever três aspectos dessa Espiritualidade a partir da fé cristã no Deus Trindade e, por último, apontar algumas possibilidades para alimentar a espiritualidade das pastorais sociais.

1. O que se entende por Pastoral Social?

Primeiramente é preciso entender o vasto campo do que se entende por Pastoral Social. Sob o nome de “Pastoral” são consideradas todas as ações eclesiais que a Igreja no Brasil passou a adotar após o Concílio Vaticano II, inspiradas no Cristo Bom Pastor (Jo 10). Assim, “Pastoral” passa a ser designada toda “política eclesial” que visa atender determinadas demandas e realidades específicas ou sociais. Tem a ver com a presença pública ou externa da Igreja (*ad extra*). Assim, a Pastoral Social engloba as ações eclesiais voltadas diretamente para o âmbito social.

A Pastoral Social integra, junto com outros setores, a dimensão sócio-transformadora da ação evangelizadora da Igreja no Brasil... Ela, por sua vez, tem como objetivo desenvolver atividades concretas que viabilizem essa transformação em situações específicas, tais como o mundo do trabalho, a realidade das ruas, os presídios, marginalização da mulher... (CNBB, 2001, p.21-22)

O adjetivo “social” passou a ser adotado depois de um aumento do número de pastorais voltadas para a realidade social, e porque a própria estrutura organizativa da CNBB, na sua Linha 6, incluiu as pastorais sociais. Esta linha, apesar dos questionamentos internos e externos, tornou-se um dos traços característicos da ação da Igreja no Brasil em comparação com a de outros países.

Em Santa Catarina, o Regional Sul IV da CNBB aponta, como um dos quatro desafios, um renovado compromisso pela pastoral social: “para tornar a Igreja no Regional mais comprometida com os grandes problemas que afligem os catarinenses; e para viver a opção preferencial pelos pobres e encarnar-se nas novas realidades” (CNBB-REGIONAL SUL IV, 2005, p. 23). Para atender a esse desafio foi traçado, como Objetivo Geral: “Articular a Pastoral Social em nível regional, buscando



uma reflexão comum a partir das exigências evangélicas e da Doutrina Social da Igreja, e contribuir na construção de uma sociedade inclusiva e solidária”³. Esta articulação dá-se na Comissão para o Serviço da Justiça, da Caridade, da Paz e da Comunicação. Essa Comissão integra as seguintes pastorais: “Pastoral da Saúde, Pastoral da Criança, Pastoral Carcerária, Pastoral Operária, Pastoral do Menor, Mini-Projetos Alternativos (MPA’s), Comissão Pastoral da Terra, , CIMI, Cáritas – Regional Sul IV(s.i.c.)”⁴ (CNBB-REGIONAL SUL IV, 2005, p. 23).

Em suma, a Pastoral Social é esta solicitude da Igreja voltada especialmente para a condição sócio-econômica da população. Ela preocupa-se com questões relacionadas à saúde, à habitação, ao trabalho, à educação, enfim, às condições reais da existência, à qualidade de vida. Ela expressa toda a ação de promoção humana junto aos excluídos e excluídas da sociedade, garantindo seus direitos de cidadãos e cidadãs, sem esquecer que, como batizados, são nossos irmãos e irmãs.

2. O que se entende por espiritualidade?

Diante dessa forma de agir da Igreja, chamada Pastoral Social, como trabalhar a Espiritualidade Cristã? Será que a espiritualidade pode contribuir com a Pastoral Social? De que forma? Por que atualmente os movimentos sociais reservam um tempo em suas reuniões e encontros para realizar um momento de “mística” e não somente “análise de conjuntura” e definições de estratégias, como tempos atrás? Será a espiritualidade necessária para atuar no campo social? Tentaremos demonstrar ao longo deste ensaio que, diferentemente de outras formas de espiritualidade, a espiritualidade genuinamente cristã traz consigo um compromisso social, e que esta é a verdadeira fonte de toda Pastoral.

A busca de felicidade para si e para os outros tem a ver com espiritualidade. Mesmo que se apresente como único meio de satisfação dessa busca o consumismo e acúmulo de bens materiais. O sucesso e a fama individual faz hoje alimentar uma verdadeira “indústria de bens imateriais e materiais” como loterias, bens supérfluos, promessas de prosperidade individual... Essa é uma “espiritualidade” que alimenta

3 Conforme definição em Reunião das Pastorais Sociais no mês de outubro de 2004.

4 Atualmente a Cáritas denomina-se Cáritas Brasileira Regional Santa Catarina e é responsável pelos Mini-Projetos Alternativos. Também a Pastoral Operária atualmente não têm atividades organizadas em nível do Regional.



o mercado liberal capitalista. Portanto, o mercado e suas instituições também vivem de “espiritualidade”.⁵ Por isso, percebemos que existem diferentes formas de entendermos o que é espiritualidade. Ou seja, espiritualidade não é somente um conceito cristão e nem mesmo um conceito exclusivamente religioso.

Espiritualidade, de maneira geral, segundo Leonardo Boff, citando Dalai-Lama, é tudo “aquilo que produz dentro de nós uma mudança. O ser humano é um ser de mudanças, pois nunca está pronto, está sempre se fazendo, física, psíquica, social e culturalmente” (BOFF, 2001, p. 17). Mas a espiritualidade cristã possui uma especificidade: nasce do Espírito de Deus, é um dom do Espírito. É fruto do acolhimento generoso do mistério revelado em Jesus Cristo, por parte do ser humano. Tem como categoria importante a Encarnação, isto é, o mistério que une humanidade e divindade e que não nos permite pensar o mundo divino e o ser humano de maneira dualista. A espiritualidade cristã é:

a força, a motivação, a razão das escolhas, a raiz da paixão que nos leva a estar com as pessoas excluídas e, com elas, ter a certeza de que um outro mundo é possível. Nosso espírito é tomado pelo Espírito, pelo amor livre e gratuito de Deus. Tem a ver com os caminhos escolhidos e trilhados para alimentar esse espírito, essa força que nos faz agir em favor das outras pessoas. É fundamental que alimentemos e aprofundemos as motivações e a paixão que caracterizam a nossa mística... Espiritualidade tem tudo a ver com a vida em constante mutação, avançando, com toda a natureza - em dores de parto - rumo ao Reino de Deus (cf. Rm 8,18-25). (CÁRITAS BRASILEIRA, 2003, p.6)

A espiritualidade cristã é libertadora, porque Jesus assumiu a causa da libertação (Lc 4,14-21). A essência dessa espiritualidade baseia-se no seguimento de Jesus Cristo, na força do Espírito Santo, impulsionados pelo amor do Pai, no aqui e agora. A *espiritualidade libertadora* é fonte e sustento da caminhada dos cristãos e cristãs. Por ela os cristãos deixam-se interpelar, simultaneamente, pelo clamor dos oprimidos e oprimidas, que vem do chão, e pelo chamado de Deus que, em nosso íntimo, convida a uma ação libertadora no sentido de participar na construção de um mundo novo, o Reino de Deus. Essa sintonia com o grito dos pobres e com a vontade de Deus, faz-nos realizar nossa vocação mais profunda de

5 Foram publicados significativos trabalhos sobre as relações entre economia e teologia, idolatria e mercado, realizados por Jung Mo Sung, F. Hinkelamert, José Comblin entre outros.



co-autores da criação. Somente assim, apesar de ligarem-se aos problemas sociais mais urgentes, os cristãos podem alcançar certa serenidade e uma profunda paz de espírito; porém, a paz cristã é sempre uma “paz inquietada”. É assim que a espiritualidade fecunda as ações e organizações pastorais dos cristãos e das Igrejas

A espiritualidade cristã, por ser libertadora, tem implicações intrinsecamente sociais, admita-se isso ou não. Claro que até mesmo aquela “espiritualidade do mercado” referida acima, com sua “mão invisível”, tem implicações sociais: produz muitas vítimas, injustiças, exclusão, violências... O critério para discernir, portanto, uma espiritualidade autenticamente cristã, é o seu caráter libertador ou não.

E aí está o desafio para os cristãos: Como viver a espiritualidade cristã num mundo que vive a do mercado liberal? Como colaborar com a primeira e não se deixar seduzir pela segunda? Esses desafios atingem a todas as pessoas e não em menor intensidade os “discípulos de Cristo”. Por isso, a relevância de se debater sobre a identidade da espiritualidade das pastorais sociais hoje. E, também, por outro lado, de questionar o quanto nossas ações, práticas e retiros espirituais comprometem a viver o Evangelho, junto aos excluídos e excluídas.

3. Fontes da espiritualidade das Pastorais Sociais

Depois de termos procurado esclarecer as noções de Pastoral Social e de espiritualidade, passamos a seguir ao nosso segundo momento do texto: apresentar algumas fontes mais profundas da espiritualidade que marca as Pastorais Sociais. Essa espiritualidade, como cristã que é, se fundamenta na dinâmica trinitária, ou seja, a Trindade é a fonte dessa espiritualidade.

3.1. O Rosto de Deus Pai

A grande inspiração das Pastorais Sociais provém da experiência de Deus que o povo de Israel fez, a partir da libertação no Êxodo. Essa experiência exodal é paradigmática, tanto na formação do povo de Israel quanto na formação da Sagrada Escritura. Jesus, em sua prática, busca retomar e plenificar a genuína experiência de libertação, que foi se tornando obsoleta nas práticas judaicas.

Em primeiro lugar, a Pastoral Social está vinculada diretamente à realidade do povo. A opção é pelo povo que grita, não por quem o faz gritar. É pelo que geme debaixo da opressão. Essa opção é a opção de Deus: “*Eu vi o sofrimento do meu povo, eu ouvi seus clamores, eu*



conheço o grito do meu povo, seus sofrimentos” (Ex 3,7). O Deus das alturas é de todos, o que está na terra vai ter que escolher aonde vai por os pés. “*Eu desci para libertar meu povo da garra de seus algozes*”. (Ex 3,8) “*Vai, eu te envio ao Faraó para dizer a ele: deixa meu povo livre, não tenhas medo, eu estou contigo*” (Ex 3,10-12). O paradigma da espiritualidade da Pastoral Social deve ser este movimento de ver, ouvir, descer, para fazer subir. Aí descobre-se quem é Deus, descobre-se o Rosto de Deus.

Assumir a Pastoral Social é estar ao lado dos pobres, dos perdedores historicamente. É conhecer, é saber quais os gritos do povo. Qual é a opressão? O que faz o povo gritar? Quem provoca o clamor? Como enfrentar e lutar? Os gritos ecoam no meio de nós. Nenhuma ação pastoral pode tapar os ouvidos aos clamores do povo. Ser sensível à dor, ao sofrimento do outro é a capacidade que a pessoa tem de se deixar afetar, de se deixar tocar. A espiritualidade faz crescer a sensibilidade que transforma o nosso trabalho em oração, em prece. É pedir que cada vez mais Deus nos torne sensíveis. O compromisso social nasce da sensibilidade, desse ver e ouvir.

No processo de escuta do grito do povo e do chamado de Deus está o Espírito Santo. Deus olhou para quem gritava e o reconheceu. Devemos encontrar Deus misturado com nossos passos e não nas alturas, por que ele está aqui. “*Eu sou o Deus dos teus pais, de Abraão, de Isaac, de Jacó. Eu sou o Deus dos hebreus*” (Ex 3,15.18). Hebreu é povo, os “bandidos” (*hapiru*), o grupo que não conta nada, que vive na “senzala”. Faraó é o homem da “casa grande”. O lugar de Deus sempre será com o povo da “senzala” e não da “casa grande”.

A terra é santa, por isso é preciso *tirar as sandálias* (Ex 3,5). Deus só é Altíssimo porque se coloca do lado dos pequenos: essa é a lógica divina. Deus não é neutro, é profético, comprometido. É o “*Eu sou*” (Ex 3,14).

Este é Deus Libertador e é inspiração para a Pastoral Social preocupar-se não só com o espírito da pessoa mas sobretudo com sua dor e sofrimento concreto. Não basta resolver o problema de uma pessoa e sim do coletivo, do povo. Deus disse a Moisés: “*Vai eu te envio ao Faraó para tirar do Egito os israelitas, meu povo*” (Ex 3,10). Deus diz a Moisés que ele deve ser protagonista. É ele que deve fazer acontecer. Não esperar que Deus faça por ele, o que depende só dele.

A experiência exodal é também a fonte e base utópica que inspirou os profetas. Estes falam do grito do órfão, da viúva e do estrangeiro, como vítimas das injustiças e da idolatria. Os profetas não se cansam de chamar a atenção sobre o direito e a justiça para com esses e todos os



pobres. O *profetismo* é uma postura crítica diante de qualquer sistema sócio-político-econômico (como a monarquia israelita) que, por um lado, concentra poder, saber e riqueza e, por outro, condena à exclusão social amplos setores da população. A profecia retoma a fé exodal, em três dimensões: romper com a opressão, entrar num projeto alternativo onde se restabelece a Justiça e o Direito (*nova Jerusalém, novos céus e nova terra*); e aceitar Javé como o Deus verdadeiro. “A profecia é o lado político da ação que exige anúncio e denúncia, testemunho e renúncia além de táticas e estratégias no horizonte da utopia: Novo Céu e Nova Terra. (Is 65,17-25)” (CÁRITAS BRASILEIRA, 2003, p. 30).

3.2. O Testemunho do Filho

Esse rosto de Deus, que encontramos no Antigo Testamento, toma uma face e uma postura humana concreta em Jesus. A promessa feita outrora é cumprida plenamente. Por isso, a fonte mais genuína de espiritualidade para as Pastorais Sociais está no Evangelho. Nele vemos as opções de Jesus. Nos evangelhos, novos rostos sofridos aparecem, vítimas dos Impérios e estruturas sociais da época. Jesus enumera uma lista em que descreve aqueles que se encontram mais perto do carinho do Pai. Exemplos: o texto do juízo final, em Mt 25,31-46; as bem-aventuranças, em Mt 5,1-12; o programa de Jesus, em Lc 4,16-20; o episódio do Bom Samaritano, em Lc 10,25-35. Os doentes, as mulheres marginalizadas, os pequenos e fracos, as crianças, são os mais próximos dele: são a sua paixão.

O olhar de Jesus, é o mesmo do Pai. É um olhar de compaixão e misericórdia. Porém, não só isso: ele organiza um grupo de doze e de 72 pessoas e os envia a uma missão: de “buscar o Reino e a sua Justiça”, de “curar os doentes, leprosos...” (Mt 10, 5-10) Assim o Cristo também “desce” e anda com os empobrecidos e os perseguidos por causa da Justiça. Em Mt 5, 1-13, Jesus profere as bem-aventuranças. Uma delas afirma “felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos céus”. Interessante notar que no texto grego é “pobres no Espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (no tempo presente). Isso significa que os pobres que obedecem ao Espírito Santo. Esta bem-aventurança também tem uma relação com “os perseguidos por causa da justiça” pois está conjugada no tempo presente. As outras bem-aventuranças nos mostram como conseguir isso.



Jesus é o modelo de viver a espiritualidade na atuação com o povo, porque revela Deus por meio de sua prática humana; aprende das tradições e iniciativas do seu povo; é livre: ama sem exclusão a partir da opção pelas pessoas excluídas; tem consciência crítica e anima ações coletivas que garantam as condições de vida digna; afasta-se e denuncia as diversas formas de poder-dominância; mantém fidelidade à causa da vida até às últimas conseqüências... Deus conta com os “últimos” para serem os protagonistas do seu Reino de Justiça e Paz. Os pequenos e pobres são os primeiros evangelizadores: a eles Deus revelou os segredos do Reino (Lc 10,21-24).

Jesus assim vive e propõe a verdadeira caridade: uma caridade libertadora. Essa caridade é parte importante de toda forma de espiritualidade que se proclama cristã. A caridade de Jesus não aceita que a caridade seja reduzida a dar alguma coisa a alguém sem interessar-se por sua pessoa (Mt 14,3; Lc 10,30-37). Pois a prática assistencialista despersonaliza, tanto quem dá como quem recebe. A *caridade*, em seu sentido teológico, é o amor humano vivido do jeito de Deus. É o amor de Deus realizado pelo amor humano: “ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pela pessoa amada...” (Jo 13,31-35). A iniciativa do amor vem de Deus: “Ele nos amou primeiro. Amemo-nos uns aos outros como Ele nos amou” (1Jo 4,7ss)... Quem ama quer a vida para a outra pessoa e *vida em abundância* (Jo 10,10). É um amor sem limite, paixão permanente. Esta caridade atinge seu auge na Cruz, símbolo máximo da entrega e da fidelidade e da caridade. Jesus *DESCEU* à mansão dos mortos, mas ressuscitou e *SUBIU* aos céus. Nesse mistério profundo de nossa fé encontramos a fonte de toda a libertação e exemplo de caridade. A Igreja toda é convidada a buscar os “crucificados” de nossa sociedade, fazendo-os levantar desta situação, isto é, provocando “ressurreições” através da caridade libertadora.

Portanto, a caridade *libertadora* é assumir as práticas concretas de Jesus em nosso contexto histórico, como as ações de cidadania ativa possíveis hoje. É viver e anunciar o amor como Boa Notícia: que liberte das prisões, das opressões, das cegueiras, até conquistar o “Ano da Graça do Senhor” (cf. Lc 4,14-21). A libertação que se busca deve ter as seguintes dimensões: econômica, política, cultural, pedagógica, ecológica... Deve provocar mudanças nas relações de classe, de gênero, de etnia e de ecologia. Ela contribui na transformação do mundo a partir da compaixão testemunhada por Jesus junto ao povo excluído. O ponto de



partida e o primeiro objetivo é a construção de condições para a prática da liberdade das pessoas...

A *caridade libertadora* se faz presente em todas as formas de solidariedade: desde as ações de socorro imediato até as que têm como objetivo a transformação profunda das estruturas econômicas, políticas, sociais e culturais de uma sociedade: socialização dos espaços, das oportunidades, das riquezas.

Assim sendo, a Pastoral Social deve fazer sempre o esforço de *descer* às comunidades pelo trabalho de base, vendo, ouvindo, lutando... com as pessoas em situação de exclusão social. Dessa forma, a solidariedade torna-se fonte de libertação e de sua espiritualidade. “*Se vocês tiverem amor uns para com os outros, todos reconhecerão que vocês são meus discípulos*” (Jo 13,35). Não há amor a Deus sem amor ao próximo (1Jo 4,20s). O amor é a maior virtude e maior dom de Deus (1Cor 13,1-13). Isto nos aponta para uma espiritualidade encarnada e comprometida; crucial e ressurrecional, pascal e Eucarística...

3.3. Na força do Espírito: “*Eu te Envio*”

A identidade da espiritualidade cristã é o deixar-se conduzir pelo Espírito Santo, agir segundo o Espírito. Sendo assim, a Pastoral Social encontra sua força no Espírito Santo. Deve ser um constante acolher o Espírito. E o que o Espírito Santo faz em nós? O Espírito faz em nós e por nós maravilhas. A espiritualidade, portanto, é antes de tudo obra do Espírito, mas é o próprio Espírito que age por ela e nela. Essa é uma premissa importante para este debate.

Ainda no primeiro testamento, o que percebemos é que a espiritualidade passa essencialmente pelo compromisso social (Is 61,1-2). Jesus resgata essa espiritualidade quando afirma que “*O Espírito Santo está sobre mim, ele me ungiu*” (Lc 4,14-21). Toda vez que a Bíblia fala em espiritualidade, fala de envio para anunciar a boa nova aos pobres, para salvar a todos (cf também em Jo 20, 21-23; Mt 26,28). Portanto, para ser um sinal de amor junto aos pobres, pois eles, e o que fazemos com eles, são critérios de nosso julgamento final (Mt 25,31-46)

Os Atos dos Apóstolos, as Epístolas e o Apocalipse revelam igualmente a atenção das primeiras comunidades para com os pobres. Desde cedo, os cristãos se organizam para suprir as necessidades básicas de seus irmãos. Impelidos pelo Espírito Santo, os primeiros cristãos e



cristãos vêm o sofrimento do povo. O exemplo disso é quando Pedro sobe ao templo para orar, e encontra um excluído na porta. Não oferece ouro e prata, pois esses não libertam nem tiram dessa situação de exclusão, de dependência e de pobreza. Pedro “ajuda o homem a se levantar” (At 3,1-9). A comunidade, aí simbolizada na pessoa de Pedro, é convidada a ver os “caídos” à beira de nossos “templos” e “estradas” e ajudá-los a “levantar-se” por meio das lutas deles, juntos com eles, para promover a inclusão, a dignidade humana etc. Esse levantar (fazer subir) é a libertação que deve acontecer por meio da comunidade cristã, isto é, no atendimento às necessidades básicas do povo e suas lutas por seus direitos (At 2,42-47; 4,32-37; 6,1-6).

O Espírito é aquele que move a Igreja e a história. Na Igreja, o sinal perene e eficaz da ação de Deus mais sublime é a Eucaristia. Nela celebramos a memória do mistério pascal de Cristo (que *desceu e subiu, morreu e ressuscitou*). É da eucaristia que vive a Igreja e toda a sua ação pastoral. Sendo assim, o compromisso da Pastoral Social inicia no momento em que o presidente da celebração dá a bênção e fala “*Ide em paz e o senhor vos acompanhe*”. A Eucaristia nos remete para a missão no mundo, para o compromisso social. Assim, a Pastoral Social viverá no Espírito e do Espírito. Espírito que diz “*vai*”; “*eu te envio para...*” O Espírito Santo é a força, a presença de Deus e seu amor. A pastoral social procura ser essa presença concreta do Espírito Santo.

4. Três atitudes básicas

A Pastoral Social exerce o seu *mínus* a partir de elementos básicos que são extraídos da experiência da revelação de Deus a seu povo. Dessa forma, ela busca na fonte das Sagradas Escrituras as atitudes a serem assumidas, para assim viver e fazer viver essa experiência de revelação. Podemos apresentar três atitudes ou “*fazer*es” básicos e permanentes, que perpassam a espiritualidade das Pastorais Sociais⁶:

1. *A sensibilidade (ver e ouvir)*, que se traduz num coração aberto a todo tipo de sofrimento, seja a cruz individual de cada pessoa humana, seja a cruz coletiva de grupos, setores e categorias in-

6 Este esquema também está baseado em publicação da Ação Social da Arquidiocese – ASA de Florianópolis, sob o título de “*Como Organizar a Ação Social*”, p. 13-14. Já os “*fazer*es” e as “*fidelidades*” são das reflexões de Alessandro Gallazzi, no Seminário das Pastorais Sociais, em março de 2007, em Lages.



teiras condenadas à exclusão social. Um coração que se contrai e se distende diante das tristezas e alegrias que o circundam. O toque amigo, uma palavra, uma visita, um olhar – representam os frutos da sensibilidade. Esta primeira atitude relaciona-se com o *fazer memória*, onde se vive cada celebração como método eclesial de fazer memória, relacionando a memória bíblica: o povo de Deus da Bíblia continua caminhando em busca da Terra Prometida ainda hoje, através de suas lutas, de seus mártires, de seus sonhos...

2. A *solidariedade (descer)*, que se concretiza na mão estendida às situações de emergência, de carência, de extrema pobreza, de fome. Não basta ser sensíveis. É preciso descruzar os braços, arregaçar as mangas e passar à ação. Um gesto, um mutirão, uma campanha – constituem expressões vivas da solidariedade. A segunda atitude, portanto, está relacionada ao *fazer a diferença*, onde o essencial é viver e não enriquecer. Consiste na busca de relações diferentes com a terra, a família, a Igreja etc.
3. O *profetismo (envio, missão)*, que é a postura crítica diante de qualquer sistema sócio-político-econômico-cultural que, por um lado, concentra poder, saber e riqueza e, por outro, condena à exclusão social amplos setores da população. Não basta a sensibilidade, não basta a solidariedade! É preciso questionar a fundo as raízes, as causas da pobreza, das desigualdades e injustiças. É preciso trabalhar pela conscientização e pela organização dos oprimidos em vista da construção de uma sociedade justa, humana, solidária e fraterna. A *denúncia* e o *anúncio* fazem parte deste aspecto da ação social. A terceira atitude diz respeito ao ato de *fazer justiça*, pois não basta apenas ser justo mas, devemos também fazer acontecer a Justiça. (Mt 6,1; 6,17; 6,33)

Outra categoria com a qual podemos entender a espiritualidade da Pastoral Social é a fidelidade, em três dimensões. A Pastoral Social tem que assumir uma tríplice fidelidade: **Fidelidade a Deus**, o Deus dos Pobres; **Fidelidade aos Pobres de Deus**, com a mesma fidelidade de Deus, ajudar o pobre a ser protagonista do processo de salvação. A mesma fé que Deus tem em nós, temos que ter com os pobres. **Fidelidade à Terra de Deus** para todos, com vida abundante. A terra não nos pertence, somos nós que pertencemos a ela. Isto é ser profeta hoje, e não



individualmente, mas de maneira que “*todo o povo seja profeta, e receba o espírito de Javê*” (Nm 11,29).

5. Considerações Finais

O intuito deste ensaio foi explicitar algumas das principais fontes da Espiritualidade da Pastoral Social, afirmando que nenhuma ação eclesial no que tange ao social é desprovida de espiritualidade, justamente porque o comprometimento social é uma exigência da espiritualidade cristã. Claro que não se abordaram todos os aspectos ainda necessários, e os que foram expostos precisam de um aprofundamento maior. A espiritualidade da Pastoral Social não pretende ser modelo para toda a Igreja, mas aponta para uma das formas essenciais de viver a espiritualidade cristã na sociedade de hoje. Essa forma de viver a Espiritualidade mesmo que não se pretenda exclusiva, aponta na direção de uma espiritualidade trinitária, profundamente bíblica, vinculada à caminhada do povo de Deus, exodal, profética, pascal, eucarística, diaconal, eclesial... A espiritualidade da Pastoral Social incorpora todos esses elementos eminentemente cristãos e, por isso, ela é um dom que nasce do tesouro espiritual cristão antes de ser simplesmente uma motivação social e política, fundada em meros valores ou ideologias dessa ordem, como alguns poderiam afirmar

Toda pastoral é espiritual e precisa alimentar-se espiritualmente, senão morre. Por sua vez, a espiritualidade que não se alimenta de uma inserção é simplesmente vã. A Pastoral Social e a espiritualidade cristã são dimensões intercomplementares. Por isso, a Pastoral Social não pode ser considerada como um apêndice ou anexo da Igreja, como algo que não brote da essência do seguimento cristão. A Pastoral Social existe simplesmente porque Jesus redimiu este mundo e não outro. Ora, depois da encarnação do Verbo Divino, nada mais é profano ou indigno de comprometimento.

Referências bibliográficas

AÇÃO SOCIAL ARQUIDIOCESANA. *Como organizar a Ação Social: Tecendo a rede de Ações Sociais com a cultura da solidariedade*. Manual de Orientação. Série Subsídios ASA. N. 2 Florianópolis: Gráfica Agnus, 2006



BOFF, L. *Espiritualidade: Um caminho de transformação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2001

CÁRITAS BRASILEIRA, *Mística e Espiritualidade*. Col. Cadernos da Cáritas n. 4, Brasília: Cáritas brasileira, 2003

CASALDÁLIGA, P. & VIGIL, J. M. *Espiritualidade da libertação*. 4. Ed. Col. Teologia e Libertação, Série III: A libertação na História. Petrópolis (RJ): Vozes, 1993

CNBB. *As Pastorais Sociais na virada do milênio*. São Paulo: Loyola, 1999

_____. *O que é Pastoral Social?* Col. Cartilhas da Pastoral Social n. 1, São Paulo: Loyola, 2001

_____. *Cáritas brasileira: 50 anos promovendo solidariedade*. Col. Estudos da cnbb, n. 92. São Paulo: Paulus, 2006

CNBB – REGIONAL SUL IV, *Diretrizes da Ação Evangelizadora 2004-2007*, Florianópolis, s.ed. 2005.

Endereços dos Autores:

Cáritas Brasileira – Regional Santa Catarina
Rua Dep. Antônio Edu Vieira, 1524
Bairro Pantanal
88040-001 – Florianópolis – SC



Resumo: A abordagem de elementos bíblico-teológicos e espirituais inerentes ao fenômeno das migrações, possibilita vê-lo inserido no quadro da história e do desígnio de salvação, o qual ilumina a experiência de vida dos migrantes e de todas as pessoas que de alguma forma partilham a vida com eles. Uma visão de fé nos leva a comparar as migrações atuais àqueles eventos bíblicos que determinam o caminho rumo ao nascimento de um povo, o Povo de Deus a caminho. No sentido espiritual, todos «somos estrangeiros e peregrinos nesta terra» (Hb 11,13), a caminho da comunhão plena à qual todos nós somos destinados. E somente uma espiritualidade específica, como modalidade própria de viver a fé e a missão no contexto migratório, pode revestir de profecia a nossa presença na Igreja e no mundo.

Abstract: The elements of biblical, theological, and spiritual dimension in the approach to the movement of migration are quite helpful when applied to social integration in its wider perspective of the history of salvation. Thus single groups of people enter a world of new relationships and are invited to share their values and common goals and taking part in their quest to build up the People of God. In a spiritual sense we all are pilgrims on the way to God's encounter on earth providing us the basic components in the ongoing process of personal development, social organization, cultural meaning and value. Its quite important to take into account our common communion with God through the Church which makes it possible for us to reach this goal in spite of varied personal and social conditions.

A Espiritualidade no contexto migratório

Elementos que norteiam a experiência espiritual de um povo a caminho

Ir. Analita Candaten, mscs¹

¹ A Autora possui mestrado e doutorado em Teologia Espiritual pela Pontifícia Universidade Gregoriana – Roma. É membro da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas. Atualmente trabalha em assessorias sobre estudos de Teologia da vida religiosa e espiritualidade.